

“A vida é tão rara”¹: a visibilidade da ciência e da saúde nas telas do Jornal Nacional na pandemia da Covid-19

“Life is so rare”: the visibility of science and health on Jornal Nacional in the Covid-19 pandemic

Simone Martins

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora e Bolsista Capes. Juiz de Fora, Brasil. E-mail: sitema@gmail.com

Gustavo Pereira

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador Capes. Juiz de Fora, Brasil. E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

José Tarcísio Oliveira

Doutor em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Curso de Comunicação Social-Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, Brasil. E-mail: jose.tarcisio@ufr.br

Resumo:

A articulação entre telejornalismo e ciência é o foco da pesquisa que se propõe a analisar as estratégias discursivas do *Jornal Nacional* na edição em que o Brasil marcou um ano desde o registro oficial do primeiro caso de Covid-19. Para isso, recorreremos às teorias ligadas ao jornalismo audiovisual, desinformação, comunicação e saúde e enunciação didática, cujas reflexões fundamentam a elaboração dos dois operadores analíticos da Análise da Materialidade Audiovisual de Coutinho (2016): 1) de que forma o telejornalismo produzido pelo *JN* consegue (ou não) comprovar a eficácia das pesquisas no combate à pandemia; 2) quais as estratégias utilizadas pelo *Jornal Nacional* para o combate às *fake news* e à divulgação da ciência. A pesquisa indica que o noticiário tem adotado uma linguagem didática no sentido de reforçar as orientações das instituições científicas e seus agentes acerca do combate à pandemia.

Palavras-chave:

Telejornalismo; Jornal Nacional; Ciência; Saúde; Pandemia.

Abstract:

The articulation between TV journalism and science is the focus of research that aims to analyze the discursive strategies of the *Jornal Nacional* in the edition in which Brazil marked a year since the official record of the first case of Covid-19. For this, we use theories related to audiovisual journalism, misinformation, communication and health and didactical enunciation, whose reflections support the elaboration of the two analytical operators of the Audiovisual Materiality Analysis by Coutinho (2016): 1) how the TV journalism produced by *JN* can (or can not) prove the effectiveness of

¹ A expressão faz referência à canção *Paciência* (2019) do cantor e compositor Lenine.

research in the fight against the pandemic; 2) what strategies are used by *Jornal Nacional* to combat fake news and disseminate science. The research indicates that the news has adopted an educational language in order to reinforce the guidelines of scientific institutions and their agents on wrestling the pandemic.

Keywords:

TV Journalism; Jornal Nacional; Science; Health; Pandemic.

1 Introdução

São Paulo, 26 de fevereiro de 2020. O primeiro caso de paciente infectado pelo novo vírus é anunciado pelo *Jornal Nacional* (JN), telejornal de maior audiência do país e produzido pela TV Globo. Exatamente um ano depois, o Brasil apresenta recorde de mortes, ultrapassando a marca de mil óbitos diários em decorrência da Covid-19. Nesta data, a manchete de abertura do noticiário, enunciada pela apresentadora Renata Vasconcellos, informa que “um ano depois do registro do primeiro caso, o Brasil chega ao pior momento da pandemia” (JN, 00m04s, 2021). No Brasil, mais de 10 milhões e meio de cidadãos contraíram o coronavírus ao longo desse período, e o número de mortes já superava os 252 mil².

Em tempos de múltiplas crises, de isolamento e de cautela, os brasileiros assistem todos os dias na tela da TV os âncoras do *JN* clamarem por isolamento, precaução, medidas de restrição e proteção à vida. William Bonner e Renata Vasconcellos necessitam, dia após dia, comprovar aos telespectadores a eficácia da ciência, mostrando-a fundamental para salvar vidas. O *JN*, desde o anúncio do primeiro caso do coronavírus no país, recorre às orientações de entidades de Saúde e de universidades para esclarecer a seus telespectadores as formas de prevenção, os cuidados a serem tomados, a importância da vacinação e as descobertas da ciência para o combate à Covid-19.

No entanto, de forma contrária ao papel instrutivo adotado pelo noticiário, há sujeitos políticos que adotam uma postura negacionista diante da pandemia. Um

² Esse número de vítimas da Covid-19 é referente ao dia 26 de fevereiro de 2021, quando completou um ano do primeiro caso de paciente infectado por coronavírus no Brasil.

exemplo aconteceu no dia anterior à marca de um ano da Covid-19 no Brasil, quando o país atingiu número recorde de mortos diários, de 1582 vidas perdidas para a doença. O presidente da República, Jair Bolsonaro, apresentou em sua *live*³ semanal estudos feitos por uma universidade alemã, sem identificar quais estudos e o nome da instituição, questionando a eficácia do uso de máscaras. Tais pesquisas, supostamente, apontavam que os acessórios eram prejudiciais às crianças. Nesse sentido, Bolsonaro alegou, para os seguidores de suas redes sociais, estar aparecendo “efeitos colaterais” do uso da proteção individual, preconizada por profissionais e organizações de saúde em todo o mundo. Diferentemente do que era defendido pela OMS e outros órgãos de saúde por meio de estudos científicos anteriormente desenvolvidos e publicizados (FIOCRUZ, 2020b; UOL, 2020), e com o seu uso constituindo-se comprovadamente em uma das formas mais eficazes de prevenção à Covid-19, Bolsonaro foi contrário ao uso dos equipamentos de proteção individuais. Afirmando ter sua própria opinião sobre o uso de máscaras, o presidente justificou que seu uso seria prejudicial para a saúde.

Considerando as disputas discursivas na pandemia, este trabalho se propõe a analisar a relação entre ciência e telejornalismo, com referência à análise da edição do *Jornal Nacional* que marcou um ano da Covid-19 no Brasil. Para isso, conjuga a metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016) à revisão bibliográfica dialética de estudos sobre telejornalismo, desinformação na pandemia, comunicação e saúde e enunciação didática.

2 Entre telas, informação e desinformação

Se no início da pandemia da Covid-19 os brasileiros assistiam por meio de telas marcas diárias acima de mil mortes em países como Itália, França e Reino Unido, através das mídias audiovisuais – seja da TV, do *notebook*, *tablet*, *smartphone*, etc –, os cidadãos também puderam acompanhar o agravamento da pandemia no cenário nacional. Tais apontamentos se justificam pelo fato de que segundo dados da PNAD Contínua TIC 2018 (IBGE), a televisão está presente em 96,4% dos lares brasileiros, ainda ocupando um papel central dentre os meios

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=698380240842899&ref=watch_permalink>. Acesso em: 27 fev. 2021.

de comunicação. Ao mesmo tempo, a internet e o número de dispositivos móveis têm crescido no país, com 93,2% da população possuindo ao menos um telefone celular, indicando a potencialidade desses novos dispositivos que possibilitam a criação de novos atores sociais e também a expansão dos meios de comunicação de massa no ambiente digital e on-line, que no caso do telejornalismo a pesquisadora Edna Mello (2017) chama de Telejornalismo Expandido.

Além disso, uma das principais medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) foi a da prática do distanciamento social (OPAS, 2020), além de medidas de higiene pessoal, uso de máscaras e álcool em gel como forma de combater o coronavírus. Assim, em um momento de isolamento social no Brasil e no mundo, as telas se tornaram ainda mais relevantes para o consumo de informação e entretenimento. Da mesma forma, apesar de não constar como serviço essencial no Decreto 10.282, de 20 de março de 2020 (BRASIL, 2020), que regulamenta a Lei 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais, a imprensa desde o início buscou oferecer informação e o combate à desinformação aos milhões de cidadãos que estavam em suas casas.

A atuação dos serviços de radiodifusão só se tornou um serviço essencial em Decreto 10.329, de 28 de abril de 2020 (BRASIL, 2020c), momento em que o número de mortos por dia estava em ascensão, com média de 500 óbitos semanais. Contudo, desde o princípio da Covid-19 os telejornais tiveram uma importante atuação. Segundo pesquisa do Datafolha de março de 2020⁴, sobre a confiança dos cidadãos a respeito de informações ligadas ao Coronavírus, 61% afirmaram confiar nos programas jornalísticos de TV, seguidos por 56% nos jornais impressos, 50% no rádio, 38% nos sites de notícias e apenas 12% de confiança no WhatsApp e Facebook.

Essa diferença entre os meios de comunicação de massa e os demais canais de comunicação alternativos pode ser explicada tanto através do lugar de referência que ocupa o telejornalismo (VIZEU, 2003), como também por meio do fenômeno das *fake news*, que circulam principalmente nas redes sociais, tendo os algoritmos e usuários maliciosos como “aliados” para a viralização de conteúdos falsos que fazem uso da estrutura noticiosa

⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

convencional, gerando desinformação para os cidadãos (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). Em meio à pandemia da Covid-19, a palavra desinformação foi utilizada inclusive pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), sendo definida como:

[...] informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações sobre a COVID-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade. Grande parte dessas desinformações se baseia em teorias conspiratórias; algumas inserem elementos dessas teorias em um discurso que parece convencional (OPAS; OMS, 2020).

Por se tratar de uma questão de saúde pública no âmbito global, Oliveira (2020) aponta para a questão da desinformação através de teorias da conspiração relacionadas à ciência nas plataformas de mídias digitais, destacando que ainda antes da pandemia da Covid-19 movimentos antivacina, dentre outros, já estavam ganhando espaço nas redes sociais por meio de novos atores que assumem um lugar de fala na internet e começam a propagar esses conteúdos com o auxílio dos algoritmos e da mobilização de usuários que compartilham do mesmo pensamento (HOFFMAN, 2019).

Oliveira (2020) ressalta ainda que por muito tempo as teorias da conspiração foram vistas como pensamentos irracionais e defendidos por grupos à margem da sociedade e da política, sendo assim ignoradas pelas comunidades epistêmicas, que são as produtoras de saber. No entanto, a autora destaca que a ciência tem vivido um período de crise por ter sido incapaz de cumprir as promessas da modernidade: “a da justiça social, a da construção ética e a da solidariedade, racionalmente fundamentadas” (SIGNATES, 2012, p. 140), e por isso algumas dessas teorias da conspiração têm ganhado espaço e deixado de ser apenas fenômenos à margem das instituições e da política.

Nesse panorama, uma forma de combater as teorias da conspiração e a desinformação, principalmente em um contexto de pandemia, é a utilização da ciência como meio de explicar e dar credibilidade às informações, seja na tela da televisão ou em outras telas, incluindo as redes sociais, que pela participação dos próprios pesquisadores e cientistas têm a possibilidade de produção e divulgação de conteúdos que reforçam a importância da ciência.

3 Ciência, comunicação e saúde no combate à desinformação sobre a Covid-19

Os estudos sobre comunicação e saúde têm apontado caminhos que permitem compreender a relação entre o telejornalismo e a ciência. O campo vem se desenvolvendo desde 1975, quando foi debatido na convenção anual da *International Communication Association*. Harrington (2014, p. 9) simplifica as inúmeras definições dadas à área através do conceito de que a comunicação em saúde visa estudar mensagens com significados relacionados ao bem-estar físico, mental e social.

Parvanta (2020, p. 70) menciona que as estratégias básicas de tais mensagens procuram promover o engajamento, a informação e a persuasão: *engajamento* é o primeiro estágio de promoção de uma mensagem, ou seja, mostra que o público-alvo está interagindo com o conteúdo. Já os estágios de *informação* e *persuasão* se referem à intenção da mensagem; enquanto o primeiro busca educar, o segundo visa à mudança de comportamentos, a ação enquanto mudança comportamental. É importante notar que os três conceitos estão interligados de forma linear: não há informação sem engajamento e nem persuasão sem informação. Como engajamento é necessário para a obtenção das outras estratégias, as teorias usadas na área focam em informação e persuasão.

Portanto, evidencia-se que, ao incorporar as estratégias denotadas por Parvanta (2020), o telejornalismo adota um comportamento progressista em suas mensagens, inclusive numa via problematizadora quando confrontado a alguns dos valores idealizados pelo campo profissional, como a imparcialidade e a isenção. Tais estratégias enunciativas também permitem entrelaces com que Verón (2001) chama de *enunciação didática*. O autor elabora o conceito com base na temática política na televisão, analisando as estratégias de convencimento nos primeiros debates presidenciais televisionados na França. Segundo a estratégia enunciativa, um candidato desenvolve sua performance como se fosse superior, em termos do saber, em relação ao seu adversário, atuando como um professor ou um pedagogo diante de um aluno – o que acentuaria a “inferioridade intelectual” do seu adversário.

É instigante o reconhecimento da enunciação didática também como característica possível do jornalismo audiovisual numa visada mais ampla, como tem evidenciado Vizeu e Cerqueira (2018). Diversos exemplos que corroboram essa hipótese estão presentes no campo profissional. O editor-chefe e apresentador do *JN*, William Bonner, afirma no livro *Jornal Nacional: modo de fazer* que a razão de ser do jornalismo é a de alargar os horizontes do telespectador (BONNER, 2009, p. 19). Já Paternostro (2006, p. 75) diz que a “a TV mostra e o telespectador vê: ele entende, se informa e amplia o conhecimento”. Tais afirmações levam a crer que o caráter didático também atravessa os processos jornalísticos e tornam-se mais evidentes em temáticas sensíveis, como é o caso da pandemia.

No contexto brasileiro, observa-se um cenário de tensão social que potencializa a adoção da enunciação didática e de estratégias de engajamento social por parte da imprensa, principalmente devido à crise política, ao ataque à ciência por parte de autoridades, à propagação de *fake news* e à ausência de uma política comum para enfrentamento da Covid-19. Um dos grandes embates discursivos tem sido a adoção ou não dos medicamentos hidroxicloroquina e/ou cloroquina para o tratamento precoce. Em 17 de junho de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), agência especializada em saúde da Organização das Nações Unidas, anunciou a suspensão das pesquisas envolvendo a hidroxicloroquina sob a justificativa de que os testes “mostraram que a hidroxicloroquina não resulta na redução da mortalidade de pacientes COVID-19 hospitalizados, quando comparados ao padrão de atendimento” (OMS, 2020, n.p).

No entanto, no dia 18 de maio de 2020, o então presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou estar tomando hidroxicloroquina para prevenir o contágio. Já Jair Bolsonaro, após contrair a doença, realizou uma transmissão ao vivo em suas plataformas de redes sociais no dia 7 de julho em que mostra e toma um comprimido do remédio e diz estar se sentindo muito bem. Frequentemente, Bolsonaro e Trump relataram que da mesma forma que não há estudos a favor da hidroxicloroquina, não há evidências científicas contrárias. Mesmo sem um ministro “titular”, em junho de 2020, o Ministério da Saúde do Brasil publicou um documento em que recomenda a prescrição do composto inclusive para mulheres grávidas e crianças (BRASIL, 2020a). A Fundação Oswaldo Cruz publicou uma nota técnica dizendo que não há evidência

suficiente sobre a eficácia do medicamento em seres humanos contra a Covid-19 (FIOCRUZ, 2020a, p. 5).

No campo audiovisual, tem-se observado dois movimentos opostos: no primeiro, um aumento na propagação de *fake news*, inclusive divulgadas pelo próprio presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais, modificando conteúdos telejornalísticos para defender o tratamento precoce (OLIVEIRA FILHO, 2020); por outro, nota-se um posicionamento de alguns telejornais na tentativa de construir um contradiscurso, apoiado em fontes ligadas à ciência, como é o caso do *JN*, que tem divulgado ao longo da pandemia diversas notícias demonstrando os efeitos adversos do uso da hidroxicloroquina, como em 01 de março de 2021 na reportagem *OMS desaconselha fortemente o uso de hidroxicloroquina para prevenir a Covid*, que aponta, a partir do posicionamento editorial e da enunciação didática, uma atuação alinhada à ciência e às teorias da comunicação e saúde.

4 A ciência em destaque: o jornalismo didático do JN sob a ótica da Análise da Materialidade Audiovisual

O *Jornal Nacional* constitui-se no principal noticiário veiculado pela Rede Globo de Televisão, tendo sua primeira exibição em setembro de 1969. Antes mesmo de noticiar o primeiro caso da doença no Brasil, o *JN* já vinha reportando a pandemia ao redor do mundo, informando o número de infectados, as ações tomadas pelos governos assim como as recomendações dos órgãos mundiais de saúde para conter o avanço do vírus. Desde o início dos casos de coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e com o avanço da pandemia no país, o telejornal passou a dar cada vez mais destaque para o tema em suas edições.

Nesse contexto, ao abordar as narrativas de um telejornal e projetar uma observação cuidadosa ao que esse lugar de comunicação representa na sociedade brasileira, é necessário atentar-se ao modo como o telejornalismo estrutura sua forma de noticiar. Para o presente trabalho utiliza-se, em termos metodológicos, a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), cuja proposta é a de observar não apenas o conteúdo da narração dos repórteres e entrevistados, mas a totalidade da informação, em um processo que combina três momentos: o reconhecimento e a

compreensão do objeto para o estabelecimento dos eixos centrais de observação a partir das perguntas de pesquisa; a realização da análise do recorte audiovisual selecionado; e a interpretação dos resultados para completar a avaliação. Coutinho (2016) sugere que seja feita uma pesquisa bibliográfica aprofundada e, em seguida, a construção de uma ficha baseada em eixos de análise – desenvolvida a partir das necessidades de observação, juntamente com o referencial teórico, que resulta em uma espécie de *entrevista do objeto*, já que assim é possível analisar os conteúdos audiovisuais através de uma moldura específica e apropriada aos objetivos e objetos de pesquisa.

Logo, com base na discussão teórica, são desenvolvidos dois eixos analíticos/reflexivos: 1) de que forma o telejornalismo produzido pelo *JN* consegue (ou não) comprovar a eficácia das pesquisas no combate à pandemia, com vistas às discussões teóricas sobre enunciação pedagógica (VIZEU; CERQUEIRA, 2018; VERÓN, 2001); e 2) qual a estratégia utilizada pelo *JN* para a divulgação da ciência e o combate às desinformação, com base no arcabouço teórico sobre comunicação e saúde e *fake news* (PARVANTA, 2020; HARRINGTON, 2014; ALLCOTT; GENTZKOW, 2017)? Por meio desses eixos de análise, pretende-se evidenciar como o *Jornal Nacional* abordou a ciência nas notícias sobre a pandemia e de que forma essa ação se evidenciou na edição do dia 26 de fevereiro de 2021 (JORNAL NACIONAL, 2021), quando o país completou um ano desde o registro do primeiro caso de Covid-19.

As notícias sobre a Covid-19 se concentraram no primeiro bloco do *JN*, que teve a duração de quase 38 minutos, em um total de 63 minutos da edição. O noticiário tem início com a informação de que o país vive o pior momento da pandemia, ressaltando que o aumento dos casos pode ser visto não apenas dentro dos hospitais, mas também nas estatísticas. A primeira reportagem indica, com base na fala de um médico sanitário, que se o Brasil não tomasse alguma providência o então atual momento poderia se prolongar e elevar o sofrimento e o risco para os cidadãos. O noticiário prossegue com a informação de que cinco estados do país alcançaram o período mais letal desde o começo da pandemia. Recorrendo constantemente à opinião de especialistas, o repórter explica no *off* que a atual fase da pandemia é consequência das decisões que não levaram em conta a ciência.

A teimosia, a insistência com a qual o discurso oficial defendeu práticas terapêuticas sem a menor base científica a despeito dos inúmeros alertas que nós fizemos, que a literatura internacional fez, que órgãos governamentais de outros países, que agências regulatórias fizeram sobre tratamentos sem o menor sentido (JORNAL NACIONAL, 02m59s, 2021).

Na mesma notícia, o médico sanitarista Sérgio Zanetta acrescenta que “cada vez que eu estimulo a circulação de pessoas e a livre transmissão do vírus eu estou criando condições para o descontrole e para o aumento da letalidade” (JORNAL NACIONAL, 03m, 22s, 2021). A continuidade da reportagem apresenta uma linha do tempo em forma de infográfico mostrando o avanço da pandemia no Brasil, resgatando a informação da primeira morte, no dia 17 de março de 2020, até atingir a marca de 250 mil mortes um ano depois.

A repórter Renata Ribeiro também ressaltou o trabalho desempenhado pelos médicos que, na linha de frente dos hospitais, aprenderam a melhor forma de fazer o diagnóstico e salvar vidas. E enfatizou que, em uma vitória da ciência, pesquisadores desenvolveram em poucos meses as vacinas, que são as ferramentas eficazes para enfrentar o vírus. Mais uma vez diversos especialistas são convocados para explicar a gravidade da pandemia no país, promovendo o que Vizeu e Cerqueira (2018) denominam pedagogia do telejornalismo. Nesse contexto, o noticiário exibe o depoimento da vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunização, Isabella Ballalai, que pondera ser preciso que todos, autoridades públicas, profissionais de saúde e população realmente entendam a seriedade do momento para que a situação não piore. Já o sanitarista Sérgio Zanetta diz confiar na melhora do cenário brasileiro com a chegada das novas vacinas e ressalta a importância de se vacinar toda a população. A nota-pé dessa primeira reportagem ainda traz a informação de que o diretor-executivo da Organização Mundial da Saúde, Myke Ryan, havia declarado que o Brasil vive uma tragédia na pandemia. O telejornal destacou que Ryan elogiou o sistema público de saúde e reconheceu as ações dos estados, mas disse que o Brasil precisa fazer mais para controlar as infecções.

Assim, sobre o primeiro eixo de análise adotado, que diz respeito à maneira com que o telejornalismo produzido pelo *JN* aborda as pesquisas científicas relacionadas à pandemia, evidencia-se um posicionamento de confirmação das mesmas. Isso porque frequentemente recorre à fala de especialistas para acatar as ações

a serem tomadas para o combate à Covid-19 e exibe imagens de cientistas, pesquisadores e médicos em seus postos de trabalho buscando soluções para a maior crise sanitária do país. A enunciação didática (VERÓN, 2001; VIZEU; CERQUEIRA, 2018) ainda se mostra presente na composição audiovisual ao se optar por uma narrativa cronológica por meio de suítes/arquivos, destacando os avanços da pandemia.

Já a segunda notícia veiculada na edição revela que cientistas atestavam que o impacto na queda do número de casos no Reino Unido ainda não estava atrelado à vacinação, já que o país havia priorizado a imunização de idosos. De acordo com o resultado da pesquisa efetuada, o que causou a diminuição do contágio e a consequente queda do número de hospitalizações em países europeus foram as restrições impostas para a circulação de pessoas.

Em seguida, o telejornal veicula mais uma matéria sobre a Covid ao reportar que a rainha britânica havia se juntado a um grupo de líderes mundiais para encorajar a população a se vacinar. A notícia mostra um pronunciamento da rainha pedindo que as pessoas não sejam egoístas e se vacinem, assim como é dito por outros líderes mundiais. A reportagem destaca que “as figuras dos mais diferentes campos ideológicos entenderam que dar exemplo também não dói” (JORNAL NACIONAL, 09m15s, 2021) e exibe um vídeo do primeiro ministro de Israel como “garoto propaganda”, conclamando os cidadãos a se vacinarem, convencendo todas as pessoas (inclusive aquelas contrárias à imunização) de que a vacina é fundamental para o combate à pandemia. Nessa notícia, verifica-se que o *JN* busca mostrar aos brasileiros que dirigentes de todo o mundo estão empenhados em promover a vacinação de seus povos, o que também deveria ser feito no Brasil. Dessa forma, entende-se que a estratégia do noticiário para o combate às notícias falsas – enquanto segundo eixo de análise – possa ser comprovada com a veiculação de vídeos de líderes mundiais defendendo a imunização, assim como a reprodução constante do resultado de pesquisas efetuadas, contra os vídeos e notícias falsamente circulados em redes sociais incitando os brasileiros a não se vacinar (DIAS, 2020).

O primeiro bloco também aborda o panorama geral da Covid-19 no mundo. Depois de exibir a matéria sobre a campanha de vacinação promovida por líderes mundiais, informa que mais da metade da população de Israel já recebeu pelo menos

uma dose da vacina anti-Covid. O telejornal também exibiu a recomendação, feita em unanimidade por uma comissão independente de cientistas, para que o governo americano aprovasse o uso emergencial da vacina da farmacêutica Janssen. A veiculação dessa informação é mais um indício de que o noticiário trabalha a favor da imunização e em diálogo com as teorias da comunicação e saúde. As estratégias apontadas por Parvanta (2020) são identificadas no *JN* por meio do caráter progressista das mensagens e na tentativa de geração de informação (educação) e persuasão em relação à modificação comportamental sobre a imunização.

Após a veiculação das primeiras matérias abordando a eficácia das vacinas, das pesquisas e, principalmente, da ciência, e ainda retratar a situação do Amazonas, o pior estado na época a ser afetado pelo novo vírus, o *JN* volta a exibir notícias sobre a importância do uso de máscaras para conter a proliferação do coronavírus, destacando que o uso correto do acessório é um aliado poderoso no combate à doença, promovendo novamente um jornalismo didático para seus espectadores. Mais uma vez, recorre a resultados de pesquisas científicas e especialistas. A repórter Sandra Coutinho encerra a reportagem com uma lição moral: “De pano ou cirúrgicas, as máscaras são uma das principais aliadas para que nós, um dia, possamos voltar a respirar aliviados” (JORNAL NACIONAL, 13m05s, 2021). Após o término da reportagem, já no estúdio, Renata Vasconcellos e Alan Severiano bradaram para os telespectadores, como uma recomendação: “máscara e vacina!”.

Depois de apresentar os dados da doença, assim com o número de pessoas vacinadas – e ressaltar que a vacinação continua lenta em todo o território brasileiro –, o noticiário exhibe a situação de Norte a Sul do país. Em seguida, reitera que os infectologistas aprovam medidas que aumentem o distanciamento social, alertando ser a única alternativa para conter o avanço desenfreado da pandemia. Mostra, entretanto, Jair Bolsonaro, em visita ao Ceará, aglomerando-se com pessoas sem fazer uso da máscara, assim como todos os indivíduos que estão próximos a ele, e ameaçando governadores que estão adotando medidas para aumentar o distanciamento. O *JN* mais uma vez assume um enquadramento noticioso negativo em relação a Jair Bolsonaro e ao mesmo tempo adere função didática e persuasiva para reforçar as medidas de proteção a que os cidadãos devem tomar para se proteger da Covid-19.

As duas últimas matérias veiculadas no primeiro bloco também abordam a importância da ciência e das pesquisas para o enfrentamento da pandemia. O noticiário ressalta que, nesse último ano, a ciência foi fundamental para ajudar milhões de brasileiros a atravessar os desafios da pandemia. Em uma das notícias, a reportagem começa com uma linha do tempo, que vai descrevendo o aumento da doença e do número de casos, tanto em legendas quando em imagens e áudios. A narrativa recorre a médicos enquanto especialistas e personagens. Na passagem, o repórter Bruno Tavares ressalta que, em meio a tantas incertezas, as atenções se voltaram para cientistas e pesquisadores, profissionais que estão ajudando o país a atravessar a mais grave crise sanitária dos últimos 100 anos. A matéria também veicula, enquanto arquivo, o editorial do *JN* sobre os 100 mil mortos, exibido de 8 de agosto de 2020, em que Bonner, consternado, destaca que os mortos deixaram a família em dor, colegas de trabalhos e conhecidos. Imagens encerram a matéria com a comemoração dos profissionais de saúde no início da vacinação em janeiro de 2021: há choro e aplausos, em uma dramaturgia do telejornalismo capaz de envolver os telespectadores e, inclusive, instruí-los sobre a importância da vacinação numa clara função persuasiva.

A última reportagem retrata o que Coutinho (2012) denomina dramaturgia do telejornalismo, um dos pilares da Análise da Materialidade Audiovisual: toda a informação foi construída como um drama cotidiano, com a utilização de personagens, mocinhos (pacientes, suas famílias, médicos e profissionais da saúde), vilão (a Covid-19), enredo com conflito (a luta dos pacientes contra a doença) e lição moral. A notícia já começa retratando o drama de um personagem que acreditava ter morrido, mas sobreviveu. A matéria destaca que o paciente não havia morrido, mas que o local onde ele estava parecia o paraíso, cheio de anjos que cuidaram dele. No *off*, o repórter Pedro Bassan diz que “eles se vestem de branco e guardam as asas bem escondidinhas debaixo do avental. Têm muitos apelidos: médico, enfermeira, nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta. Tudo disfarce de anjo” (JORNAL NACIONAL, 32m45s, 2021). Outro personagem é apresentado na construção da notícia como mais um “anjo”: o médico Antônio Galdino Eduardo Neto destaca que “a Covid é uma doença solitária” e que, por isso mesmo, é necessário dar a mão aos pacientes para que eles tenham força. Após apresentar outros tantos personagens nessa luta contra o coronavírus, a notícia se volta novamente para o primeiro personagem, dizendo que o

carinho dos profissionais de saúde também foram remédio para ele, que se emociona dizendo que nasceu de novo. E encerra com a lição moral: “nós entendemos, Ronaldo. O país, que há um ano enfrenta essa pandemia, tenta nascer de novo todos os dias” (JORNAL NACIONAL, 37m14s, 2021).

Nesse sentido, entende-se que, ao promover um jornalismo didático para seus espectadores, comprometido com o resultado de pesquisas e o aval de profissionais de saúde, o *JN* pretende instruir seus telespectadores para que consigam se proteger do novo vírus – evidenciando, novamente, os caracteres informativo e persuasivo da mensagem (PARVANTA, 2020). Da mesma forma, ao divulgar dados retirados de estudos/pesquisas e dar voz a cientistas, o noticiário combate as notícias falsas demarcando um posicionamento na produção noticiosa, principalmente em relação ao comprometimento com o discurso científico.

5 Considerações Finais

Os conceitos teóricos-metodológicos acionados no trabalho permitiram tensionar pontos relevantes da edição tomada para análise. Um deles diz respeito à enunciação didática: se Verón (2001) elabora o conceito no contexto político, aqui nota-se a emergência na temática da saúde. O *JN* assume uma função didática visando a conscientização dos cidadãos como uma via possível para superar o momento de crise social. Essa característica da mensagem perpassa não apenas o texto verbal, como também nos recursos de edição, o resgate de arquivos que facilitam a compreensão dos assuntos, o uso de linhas do tempo que organizam a informação no espaço-tempo do telejornal e as artes e gráficos que permitem compreender a evolução e a gravidade do vírus na sociedade brasileira e no planeta. A enunciação didática pode ser articulada com o estágio da informação, enquanto estratégia de composição da mensagem na área da comunicação e saúde (PARVANTA, 2020, p. 70). Tal etapa caracteriza-se pela promoção da educação, buscando conscientizar as pessoas acerca de um determinado tema para que mudem seus comportamentos (fase persuasão). Parte considerável do conteúdo analisado é voltada para mostrar os riscos e o avanço das contaminações pela Covid-19, denotando, na narrativa do *JN*, que existem dois caminhos possíveis para evitar o agravamento da pandemia: as medidas de prevenção (uso de máscaras e distanciamento social) e a vacinação. Essa mensagem repete-se em diferentes notícias, alterando apenas os personagens,

os repórteres, os locais e os especialistas – e permanecendo, portanto, o caráter persuasivo na tentativa de conscientizar e mudar os hábitos da população.

Já a Análise da Materialidade Audiovisual de Coutinho (2016) permitiu, por meio dos dois eixos reflexivos, a identificação dos papéis atribuídos aos sujeitos que fazem parte do noticiário. Observa-se que o grande vilão é a Covid-19, cujo papel não é exercido sozinho. Ao adotar um posicionamento vinculado à ciência, o telejornal demarca uma posição de oposição às pessoas que desafiam a pandemia por meio do negacionismo científico, principalmente aquelas que possuem uma função social/política. Portanto, tais sujeitos, cujas posturas vão no sentido contrário às preconizações científicas para o combate à pandemia, também podem ser enquadrados enquanto “vilões” nas narrativas tecidas pelo *JN*.

Surge ainda uma indagação sobre o papel exercido pelos próprios jornalistas na dramaturgia. Numa relação com a autoridade que permeia o campo profissional (TRAQUINA, 2005), os jornalistas atribuem para si a lição moral. A constatação torna-se mais nítida nas frases de efeito que geralmente são pronunciadas nos últimos *offs* das reportagens ou nos comentários dos apresentadores. Nelas, demarcam que as pessoas só poderão respirar aliviadas por meio do uso de máscaras ou que os bons exemplos são esperanças para que o país possa “nascido de novo”.

Destaca-se que, ao se aliar à ciência no combate à pandemia, o *Jornal Nacional* demarca um lugar – que, conseqüentemente, não é neutro. No entanto, na pesquisa é evidenciada uma contribuição importante do telejornal num momento de crise mundial, principalmente num país que tem registrado grande número de mortes e que, concomitantemente, vivencia outras crises, como a política, a econômica e a da desinformação.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, nº 2, p. 211-236, 2017.

BONNER, W. **Jornal Nacional**: modo de fazer. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BRASILa. Ministério da Saúde. **Orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da COVID-10.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47067-ministerio-da-saude-amplia-orientacoes-para-uso-da-cloroquina-2>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASILb. **Decreto Nº 10.282**, de 20 de março 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10282.htm#art3%C2%A71viii>. Acesso em: 9 mar. 2021.

BRASILc. **Decreto Nº 10.329**, de 28 de abril de 2020. Altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10329.htm>. Acesso em: 9 mar. 2021.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo, USP, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em 13 mar. 2020.

DIAS, L. C. Desmentindo as fake news sobre vacinas. **Unicamp**, 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/10/13/desmentindo-fake-news-sobre-vacinas>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FIOCRUZa. Fundação Oswaldo Cruz. **Orientações sobre o uso da Cloroquina para tratamento de pacientes infectados com SARS-CoV-2, agente etiológico da Covid-19.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/orientacoes_sobre_a_cloroquina_nota_tecnica_.pdf>. Acesso em 5 mar. 2020.

FIOCRUZb. Fundação Oswaldo Cruz. A utilização das máscaras é recomendada para evitar o coronavírus?. 25 mai. 2020, Fiocruz: Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/utilizacao-das-mascaras-e-recomendada-para-evitar-o-coronavirus>>. Acesso em 15 mar. 2021.

HARRINGTON, N. **Health Communication**: theory, method, and application. Routledge: Abingdon, 2014.

HOFFMAN, B. L. et al. **It's not all about autism**: the emerging landscape of anti-vaccination sentiment on Facebook. *Vaccine*, v. 37, nº 16, p. 2216-2223, 2019.

JORNAL NACIONAL. **Globoplay**, 26 fev. 2021, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9305896/programa/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

MELLO, E. Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2017, São Paulo, SP. **Anais [...]** São Paulo: ECA/USP, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/721/302> >. Acesso em: 11 mar. 2021.

OLIVEIRA FILHO, J. T. A desinformação como estratégia enunciativa: o conteúdo telejornalístico sobre hidroxicloroquina no canal de Jair Bolsonaro no YouTube. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2020. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2020.

OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras**, v. 22, nº1, p.21-35, 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Q&A: Hydroxychloroquine and COVID-19. **OMS**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-hydroxychloroquine-and-covid-19> >. Acesso em: 9 mar. 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Distanciamento social, vigilância e sistemas de saúde mais fortes são chaves para controlar pandemia de COVID-19, afirma diretora da OPAS. **OPAS**, 02 jun. 2020, Brasília. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6188:distanciamento-social-vigilancia-e-sistemas-de-saude-mais-fortes-sao-chaves-para-controlar-pandemia-de-covid-19-afirma-diretora-da-opas&Itemid=812 >. Acesso em: 9 mar. 2021.

OPAS; OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Brasília: OPA; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt> >. Acesso em: 11 mar. 2021.

PARVANTA, C. F. Health Communication Practice Strategies and Theorie. In: PARVANTA, C. F.; BASS, S. B. (Orgs.). **Health Communication: Strategies and Skills for a New Era**. Burlington, Massachusetts: Jones & Bartlett Learning, 2020, p. 69–83.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SIGNATES, L. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, n° 2, p. 133-148, 2012.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Vol. 1, 3ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

UOL. Portal Universo Online. **É falso que máscaras não ajudam controlar pandemia**. Ciência atesta eficácia. Net, 07 ago. 2021, São Paulo. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2020/08/07/e-falso-que-mascaras-nao-ajudam-controlar-pandemia-ciencia-atesta-eficacia.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

VERÓN, E. **El cuerpo de las imágenes**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VIZEU, A.; CERQUEIRA, L.. Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 7. Florianópolis: Insular, 2018. p. 37-58.

Recebido em: 20.04.2021

Aceito em: 07.06.2021